

Os Lusíadas de Luís de Camões. Comentados por D. Marcos de S. Lourenço. Transcrição e fixação do texto por ALMEIDA, Isabel; ARAÚJO, Filipa; FERRO, Manuel; NASCIMENTO, Teresa; VIEIRA, Marcelo. Notas de ALMEIDA, Isabel; ARAÚJO, Filipa; VIEIRA, Marcelo. Revisão, índice e nota introdutória de ALMEIDA, Isabel. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2014. ISBN: 978-989-8660-03-9, XXV+767 páginas.

O comentário de obras poéticas recebeu um forte impulso com o exigente conceito de Poesia que o humanismo do Renascimento desenvolveu desde muito cedo. Enquanto Petrarca lhe reconhece, com vigor, a superior dignidade decorrente da sua origem divina e confere ao Poeta – aos raríssimos que alcançam sê-lo – o estatuto de verdadeiro sábio, isto é, alguém a quem Deus concedeu o privilégio de revelar as mais profundas verdades e a responsabilidade de as transmitir aos homens da forma mais adequada, Boccaccio não hesita em colocar a Poesia a par da Teologia, quando afirma, no seu *Trattatello in laude di Dante*:

[...] *bene appare, non solamente la poesi essere teologia, ma ancora la teologia essere poesia*¹.

A defesa da Poesia – contra aqueles que condenavam os poetas e propunham a sua expulsão da república – assenta essencialmente na caracterização do discurso poético como alegoria, no qual a Verdade não é acessível numa leitura superficial, exigindo um estudo árduo e uma sólida formação literária que tornem o leitor capaz de alcançar o sentido profundo que o texto poético esconde. Como explica Boccaccio:

*Manifesta cosa è che ogni cosa, che con fatica s'acquista, avere alquanto più di dolcezza che quella che vien senza affanno. La verità piana, perciò ch'è tosto compresa con piccole forze, diletta e passa nella memoria. Adunque, acciò che con fatica acquistata fosse più grata, e perciò meglio si conservasse, li poeti sotto cose molto ad essa contrarie apparenti, la nascosero; e perciò favole fecero, più che altra coperta, perché la bellezza di quelle attraesse coloro, li quali né le dimostrazioni filosofiche, né le persuasioni avevano potuto a sé tirare.*².

Entendida como alegoria, a alta Poesia exige, pois, do leitor uma competência literária que lhe permita operar a indispensável descodificação da obra poética, refazendo, em sentido contrário, o trabalho do autor, de modo a desvelar a Verdade, levantando o véu da fábula que este urdiu para com ele a cobrir. Do mesmo modo que os textos bíblicos (a teologia referida por Boccaccio) necessitam do trabalho de comentadores aptos a revelarem, com os seus comentários, a Verdade que neles está guardada, também os grandes Poetas (da estirpe de um Homero ou de um Virgílio) não podem ser bem entendidos, no sentido mais profundo e autêntico das suas obras, sem o esforço de leitura de comentadores competentes, capazes de entender e descodificar corretamente a sua linguagem poética.

¹ BOCCACCIO, Giovanni – *Trattatello in laude di Dante. A cura di BRANCA, Vittore*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1974.

² BOCCACCIO, Giovanni – *Trattatello in laude di Dante*. Ed. cit.

Esta é uma realidade de que D. Marcos de S. Lourenço, Cónego Regular da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, tem plena consciência, quando assume a tarefa árdua de comentar o texto da epopeia camonianiana, como se deduz da carta que dirigiu por volta de 1637 a Jorge Cardoso, na qual evoca as circunstâncias que estiveram na origem deste seu trabalho:

[...] *acaso um dia tomei um livro das Lusíadas na mão, que tinha algúas notações ou declarações à margem, e ali donde o poeta fala de Sesimbra chama-lhe piscosa, por caso do muito pescado que naquele mar se toma, a notação declarava este passo, dizendo piscosa se chama por rezão dos muitos piscos que nele se ajuntam, e quando eu vi tamanho disprepósito senti muito achá-lo escrito em língua portuguesa, e daquele instante tomei a minha conta comentar isto como havia de ser, ou o melhor que eu pudesse, fui-a começando os primeiros três Cantos, e querendo começar o quarto, saiu o Licenciado Manoel Correa.*³

No entanto, os comentários de Manuel Correia, publicados em 1613 por diligências de Pedro de Mariz, ficaram muito longe de corresponder às expectativas e exigências de D. Marcos de S. Lourenço, dado que, na sua apreciação, o poema camoniano fora “enxovalh[ado]” pelas glosas do Padre Manuel Correia (“ao lume d’água, sem nunca penetrar os ocultos mistérios que ali se escondiam”⁴). Como judiciosamente salienta Isabel Almeida na «Nota introdutória»⁵ que precede a edição do texto conservado no códice 46-VIII-40 da Biblioteca da Ajuda, «comentar Os Lusíadas seria sempre, nesta época, exaltá-los»⁶ e, para o autor, os comentários de Manuel Correia não satisfaziam suficientemente este designio.

A edição promovida pelo Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos da cópia manuscrita conservada na Biblioteca da Ajuda no códice 46-VIII-40 oferece o texto dos comentários feitos por D. Marcos de S. Lourenço aos três primeiros cantos da epopeia camonianiana. Trata-se de um trabalho exemplar, realizado por uma equipa de investigadores deste Centro dirigida por Isabel Almeida e composta ainda por Filipa Araújo, Manuel Ferro, Teresa Nascimento e Marcelo Vieira. Ainda que possa admitir-se que o autor tenha levado o seu trabalho mais longe e tenha chegado a elaborar o comentário de outros cantos de *Os Lusíadas* – ou mesmo de todo o poema⁷ –, a cópia, que Isabel Almeida considera «provavelmente» autógrafa, disponibiliza apenas os escólios relativos aos três cantos iniciais

³ Transcrição do manuscrito BA 51-VI-34, 185v-186, oferecida por ALMEIDA, Isabel – *Em busca das fontes: Os Lusíadas comentados pelo Padre D. Marcos de S. Lourenço*. «e-Humanista», volume 22 (2012), p. 168.

⁴ *Idem*, p. 169.

⁵ «Para uma leitura do Comentário de D. Marcos de S. Lourenço», pp. XI-XXIII.

⁶ *Idem*, p. XVI.

⁷ No texto preambular que precede os comentários propriamente ditos D. Marcos escreve: «Muitas vezes dei-xei esta obra imaginando em sua grandeza e considerando quanto se requeria pera a prosseguir, mas quando vi o aplauso com que foi recebido o Comento do Lecenceado Manuel Correa, e os muitos e insofríveis erros que na exposição dos versos de Camões cometera, tomei ânimo pera acabar estes meus comentários tantas vezes interrompidos, não podendo já sofrer as repreensões de amigos, e de outros que atribuíam este meu sossego a pusilanimidade e desconfiança» (pp. 1-2).

do poema camoniano.

A divulgação deste testemunho representaria, por si só, um enorme contributo para a história da literatura e da cultura portuguesas em geral e da receção da epopeia camoniana em particular, dado «o propósito do comentador constante e nítido: evidenciar a capacidade de inserir *Os Lusíadas* num vasto quadro de conhecimento» (p. XIX). No entanto, para além da transcrição rigorosa e competente da fonte manuscrita, a equipa liderada por Isabel Almeida quis ir mais além e, uma vez que «o comentador “explica” os versos de Camões, sem explicar por inteiro quais os meios de que lança mão», assumiu para si mesma a árdua tarefa de «deslindar como aí chegou» (p. XXII). E é «todo esse mundo» assim descoberto que generosamente nos oferece em eruditas notas onde são rastreadas as fontes (certas ou prováveis) utilizadas por D. Marcos na elaboração do seu «comento». Um trabalho de investigação minucioso e seguro, de indesmentível utilidade para quem pretenda conhecer a cultura erudita em Portugal na primeira metade de seiscentos, traduzido em mais de dois milhares de notas (muitas delas bastante extensas), distribuídas pelo rodapé das centenas de páginas dedicadas ao comentário dos versos camonianos: 842 notas para o canto I; 451, para o canto II; 933 para o canto III.

Complementando o referido trabalho de erudita anotação, o volume oferece uma extensa e completa bibliografia, acompanhada de um utilíssimo índice onomástico e toponímico, em benefício do leitor que pretenda localizar rapidamente alguma das inúmeras referências utilizadas pelo escoliasta.

A cultura portuguesa fica, assim, a dever ao labor da equipa liderada por Isabel Almeida, realizado no âmbito das atividades de investigação desenvolvidas pelo Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, uma edição exemplar destes ambiciosos escólios a *Os Lusíadas*, pondo ao dispor dos estudiosos e interessados pela obra camoniana um documento cuja relevância o coloca a par dos comentários coevos de Faria e Sousa ou de Manuel Pires de Almeida. É um instrumento precioso que nos oferece a possibilidade de penetrar um pouco mais nesse mundo perdido que constitui, para os homens e mulheres deste nosso século XXI – mesmo os cultos e informados –, a *forma mentis* dos portugueses na Época Moderna.

Luís de Sá Fardilha

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Investigador do CITCEM

fardilha@letras.up.pt

